
Cíntia Xavier e Afonso Verner

Marcas de um Jornalismo pré-industrial nos Campos Gerais – A Chacina de Carambeí nos jornais Diário da Manhã e Jornal da Manhã

Marcas de um Jornalismo pré-industrial nos Campos Gerais – A Chacina de Carambeí nos jornais Diário da Manhã e Jornal da Manhã¹

The pre-industrial journalism's brands at Campos Gerais - the Carambeí's slaughter related in the news Diário da Manhã and Jornal da Manhã

Cíntia Xavier (Universidade Estadual de Ponta Grossa)

cintia_xavierpg@yahoo.com.br

Afonso Verner (Universidade Estadual de Ponta Grossa)

afonsoverner@hotmail.com

Resumo

A Chacina de Carambeí é um dos crimes que integram o imaginário popular quando o assunto é a crônica policial no interior do Paraná, Brasil. Além de se tratar de caso de impacto diante da sociedade e dos meios de comunicação (até mesmo pelas características do crime e das vítimas envolvidas), a cobertura dedicada à Chacina também traria marcas de um jornalismo pré-industrial praticado nos Campos Gerais – momento em que a prática profissional era anterior à profissionalização das redações (Rio de Janeiro e São Paulo). O presente estudo discute marcas da prática profissional numa região interiorana do país, como é o caso de Ponta Grossa, município que integra os Campos Gerais, interior do Paraná. O objetivo é observar as notícias produzidas e algumas das marcas que estão presentes na cobertura sobre o caso. A observação se faz nas notícias publicadas no *Jornal da Manhã* e *Diário dos Campos*, diários acessíveis nos acervos das bibliotecas de Ponta Grossa. Trata-se de aspectos das notícias sobre a Chacina que possam indicar como estava apresentada a prática profissional do Jornalismo no final da década de 1980. O caso foi registrado em fevereiro de 1989 e teve repercussão dos jornais nos meses seguintes. A morte de três pessoas, com outras quatro gravemente feridas, todas da mesma família, após um suposto assalto, no Distrito de Carambeí, localizado a cerca de 20 quilômetros do município de Ponta Grossa, interior do

¹ Artigo originalmente apresentado no 6º Encontro Regional Sul de História da Mídia, 2016, realizado na Universidade Estadual de Ponta Grossa, em Ponta Grossa, Paraná, Brasil.

Paraná, nunca foi elucidada pela polícia. A coleta de dados dos jornais se deu no período de um mês de observação dos jornais impressos a partir da publicação da primeira notícia sobre o acontecimento. Nota-se uma distinção na apresentação das notícias e dos jornais que é diferente do que está discutido na bibliografia sobre o processo de modernização da imprensa no Brasil. A apresentação das notícias nos jornais de Ponta Grossa denotaria aspectos de um jornalismo pré-industrial ou em processo de modernização. Tais observações podem ser verificadas pela organização gráfica das capas e das páginas internas dos impressos, por exemplo. No referencial teórico estão apresentados os debates sobre o processo de modernização da imprensa a partir de Schudson (2010), Albuquerque (2010), Lage, Faria e Rodrigues (2004), Barbosa (2007), Darnton (1990).

Palavras-chave: jornalismo; acontecimento; cobertura; pré-industrial; morte.

Abstract

The Carambeí slaughter is one of the crimes that are part of the popular imagination when its subject is the chronic police in the interior of Paraná, Brazil. In addition to being a case of impact before society and the media (including the characteristics of the crime and the victims involved), the coverage dedicated to Chacina would also bear the marks of a pre-industrial journalism practiced in the Campos Gerais - that the professional practice was prior to what we call professional writing (Rio de Janeiro and São Paulo). The present study discusses brands of professional practice in an interior region of the country, as is the case of Ponta Grossa, a municipality that integrates Campos Gerais, in the interior of Paraná. The objective is to observe the news production and some of the marks that are present in the coverage on the case. The observation happens in the news of *Jornal da Manhã* and *Diário dos Campos*, accessible journals in the libraries of Ponta Grossa. These are aspects of news about the Slaughter that could show how the professional practice of journalism was presented in the late 1980s. The case was registered in February of 1989 and was news in the next months. The death of three people, with four others seriously injured, all from the same family, after an alleged robbery, in the Carambeí District, located about 20 kilometers from Ponta Grossa, was never elucidated by the police. The data was collected in a period of one month of observation in the printed newspapers which published the first news about the event. There is a distinction in the presentation of news and newspapers, that is different from what is discussed in the modernization process' bibliography about the press in Brazil. The presentation of the news in Ponta Grossa's newspapers would denote aspects of a pre-industrial journalism or in the process of modernization. Such observations can be verified by the covers' graphic organization and internal pages, for example. This study includes debates about the process of modernization of the press, starting with Schudson (2010), Albuquerque (2010), Lage, Faria e Rodrigues (2004), Barbosa (2007), Darnton (1990).

Key-Words: journalism; event; coverage; pre-industrial; death.

Introdução

A análise da cobertura dedicada a Chacina de Carambeí fez parte do corpus de pesquisa para a dissertação de mestrado em Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)². No entanto, com os debates e desenvolvimento da pesquisa foi opção tirá-lo da composição do corpus. O caso estava posicionado em um outro contexto de produção noticiosa, diferente dos demais selecionados. Diante do material coletado e da observação da cobertura, percebe-se que as notícias sobre a Chacina integravam o que está sendo chamado no presente texto de jornalismo pré-industrial.

As notícias e o recorte dado à observação apresentada no estudo é denominada de Chacina de Carambeí e fazia parte da dissertação, junto com outros cinco crimes denominados como "casos de impacto". Aqui estão debatidos alguns aspectos presentes na cobertura dedicada ao crime ocorrido em Carambeí e que corroboram para a formulação da ideia de que, no final da década de 1980, os jornais ainda passavam por uma transformação no modelo de jornalismo praticado. Não há no presente texto característica de resgatar historicamente o modelo de produção na perspectiva memorialística (Albuquerque, 2010), mas sim encontrar nas características do texto e organização visual do jornal, possibilidades de perceber a apresentação da notícia.

Foram coletados dados em todas as edições dos jornais *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã* de fevereiro de 1989, mês e ano em que o crime foi registrado. Observa-se aspectos como a organização e planejamento gráfico do jornal, a divisão entre editorias (ou a falta de separação dos conteúdos), a construção do texto jornalístico buscando identificar pistas que ajudam a entender parte da prática jornalística naquele período.

Características do jornalismo industrial

Em 1978, Michael Schudson em *Discovering the News: A social history of american News papers* descreve o processo de modernização dos jornais americanos como uma necessidade para a sobrevivência da imprensa rentável economicamente. Schudson (2010) discute a história do jornalismo americano a partir do ideal da objetividade e da inclusão desse aspecto na práxis jornalística.

Tendo como fio condutor da análise o conceito de objetividade, o pesquisador norte-americano ressalta essa noção como "denunciadora", pois o surgimento desse conceito está ligado com que Schudson chama de "libertação aparente" dos jornais das amarras políticas e partidárias e também de ligações com grupos de interesse que interferiam na produção noticiosa (Schudson, 2010: 42).

² Dissertação intitulada: "A ritualização do acontecimento morte na mídia impressa de Ponta Grossa: uma análise dos jornais *Diário dos Campos*, *Jornal da Manhã* e *Diário da Manhã*", defendida em março de 2017, no PPG-Jornalismo da UEPG.

Schudson relaciona a noção de objetividade a uma mudança no paradigma do jornalismo: a prática deixa de ser algo que beira o amadorismo e passa a se estruturar em torno de uma lógica mais empresarial e que visa a obtenção do lucro (Schudson, 2010). Pode-se ligar o conceito à prática do jornalismo industrial, baseado na pretensa objetividade e no conceito de notícia como um produto à venda.

Da mesma maneira, a prática do jornalismo no Brasil foi influenciada pelos moldes norte-americanos. Mesmo que tardiamente, os jornais brasileiros reproduziram os padrões estabelecidos pela prática do jornalismo nos EUA. Um dos exemplos da influência ficou mais conhecida após a reforma gráfica e editorial do *Jornal do Brasil* no final dos anos 1950. Que se concretizou em 1961, com a chegada de Alberto Dines ao *Jornal do Brasil* (Ferreira, 1996: 154).

No entanto, a modernização do jornalismo brasileiro teve início com o jornal *Diário Carioca*, praticamente uma década antes dos jornais paulistas (Lage, Faria e Rodrigues, 2004). O jornal *Diário Carioca* viveu seu auge, no que diz respeito à técnica jornalística, nos anos 1950, período do governo de Juscelino Kubitschek (Lage, Faria e Rodrigues, 2004). "A técnica de redação jornalística introduzida pelo *Diário Carioca* incorporou ao lead americano (mais próximo, no estilo, do dos jornais ingleses da época, com períodos um tanto mais longos) uma série de inovações introduzidas na linguagem literária pelos modernistas de 1922" (Lage, Faria e Rodrigues, 2004: 139).

No entanto, esse movimento de transposição de práticas jornalísticas não é um movimento uniforme. Barbosa (2004) apresenta uma discussão sobre a maneira mais apropriada de se escrever uma história da imprensa – para isso, a autora lança mão de textos publicados tanto da História, como Comunicação. Barbosa (2004) lembra que "genericamente os estudos da história da imprensa têm proliferado reflexões que se limitam a reportar o aparecimento e o desaparecimento de periódicos, quando muito correlacionando esses fatos com o momento social e político vivido".

Barbosa (2004: 9) recorre à Darnton (1990) para delinear o que chama de "modo mais adequado de se escrever a história da imprensa". Segundo Barbosa, é necessário desvendar quando se fala em história da imprensa, quem escrevia nesses jornais e como esses periódicos procuravam se popularizar. "[...] – ou seja, que estratégias, apelos e valores esses veículos invocavam no seu discurso – como funcionavam essas empresas e de que forma esses textos chegavam ao público".

A autora lembra que, mesmo que pareça imediato, o processo de mudança e inovações deve ser pensado "não apenas como circunstâncias da natureza política, econômica e tecnológica, mas sobre tudo na relação direta com público" (Barbosa, 2004: 10). Marialva salienta que "uma nova tecnologia pressupõe sempre uma recepção na sociedade, uma espera, muitas vezes anterior mesmo a emergência da própria tecnologia" (Barbosa, 2004: 10).

Consideramos aqui que essa "recepção da sociedade" diz respeito a industrialização da sociedade brasileira que deixou de ser majoritariamente rural e passou a ocupar os centros urbanos com maior intensidade no final dos anos 1970. Essa mudança também altera o perfil

do leitor e, de alguma maneira, passa a influenciar o modelo e a prática do jornalismo daquele momento histórico.

Na visão de Beatriz Dornelles (2004), os jornais do interior trabalham em uma lógica um pouco diferente dos meios de comunicação instalados em grandes capitais. As principais diferenças estão na formação do grupo de jornalistas que compõe a redação desses periódicos e nos valores editoriais e noticiosos que regem a produção de conteúdo nesses veículos.

É nesse aspecto de jornal do interior que os periódicos *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã* estão inscritos. Ambos os jornais demonstravam em fevereiro de 1989 marcas de um jornalismo pré-industrial que ainda era praticado nos Campos Gerais. A partir da cobertura dedicada a Chacina de Carambeí buscamos identificar aspectos que ajudem a identificar tal paradigma jornalístico.

Contexto do crime

A Chacina de Carambeí foi registrada no dia 7 de fevereiro de 1989, durante o feriado de Carnaval daquele ano. O crime³ aconteceu no Sítio Sete Quedas, área rural – na época Carambeí (distante 15 quilômetros de Ponta Grossa) ainda era um distrito de Castro (distante 30 quilômetros de Ponta Grossa) e o município só foi emancipado em 1995. Três pessoas morreram e outras quatro tiveram ferimentos gravíssimos depois que um grupo (ou uma pessoa) armado(a)(s) entrou (entraram) na casa e levou (levaram) alguns objetos, simulando ou dando aspecto de um roubo seguido de morte, denominado como latrocínio⁴.

As vítimas eram integrantes da família Boer, uma das mais tradicionais da cidade e conhecida na indústria leiteira da região. Os feridos e mortos só foram encontrados mais de 12 horas após o ocorrido. Como os jornais analisados no período ainda tinham pouca (ou nenhuma) circulação comercial em Carambeí, um dos principais aspectos que teria impulsionado a cobertura dedicada ao caso foi a notoriedade das vítimas e a gravidade do crime.

Os assassinos mataram Mariana Guilhermina Maria Los Boer, 52 anos, um dos filhos dela, Dirk Boer, 24, e o filho de Dirk, o bebê Thiago André Boer, então com 1 ano e três meses. Sobreviveram aos ferimentos: Mirian Delfrasio Boer, esposa de Dirk e então com 24 anos de idade; o pai de Dirk e marido de Mariana, Adrianus Boer; Tony e Leonardo de 8 e 6 anos de idade respectivamente, filhos de Dirk e Mirian.

Luiz Carlos Choma, então com 17 anos de idade, foi apresentado pelas autoridades como principal suspeito do crime e teria até confessado a autoria dos assassinatos aos policiais – Choma chegou a ser reconhecido por Mirian duas vezes durante as vezes em que foi ouvida pela polícia. O rapaz (Choma) foi preso e depois apresentado com outros dois suspeitos dos assassinatos: Mauri Alves dos Santos e Flávio Antônio Araújo, o último conhecido como “Negão”.

³ As informações relatadas no presente texto são todas as que aparecem nos jornais coletados.

⁴ Tais imprecisões na descrição do acontecimento se devem porque o fato nunca foi esclarecido, ficando até hoje (2016) o desfecho em aberto.

Um ano e quatro meses após o crime, Choma mudou a própria versão e disse que foi obrigado e torturado por policiais para assumir a autoria dos assassinatos e apontar dois cúmplices. Mauri morreu em um confronto com a polícia meses depois do crime (ele já possuía ficha criminal) e Flavio Antônio desapareceu e nunca mais foi encontrado pelos investigadores.

Como também nada foi provado contra Choma, o jovem conseguiu a liberdade – Mirian chegou a voltar atrás no depoimento e dizer que não tinha certeza sobre a participação do rapaz no crime. A sobrevivente que tinha sido, até então, peça fundamental no auxílio das investigações da Polícia Civil passou de vítima a cúmplice e chegou a ser presa pelas autoridades: Mirian era suspeita de atrapalhar as investigações do crime e foi detida por quatro dias, mas depois liberada.

De acordo com informações que circularam nas páginas do *JM* e do *DC*, durante as investigações inúmeros delegados e investigadores trabalharam para elucidar o crime. Cerca de 20 suspeitos foram apresentados a Mirian que não reconheceu nenhum deles. Na época, o então governador do Paraná, Álvaro Dias, anunciou, um dos jornais, que uma força-tarefa seria criada exclusivamente para investigar e solucionar o caso.

Características dos jornais

Os dois diários foram selecionados porque eram os dois jornais que circulavam diariamente em Ponta Grossa no final dos anos 1980. Na época, a diferença mais evidente entre os dois veículos diz respeito a impressão: enquanto o *Jornal da Manhã* era impresso em tecnologia *offset* (mesmo que ainda rudimentar), o *Diário dos Campos* circulava impresso em linotipo, método que remontava ao início da impressão dos jornais em solo brasileiro durante a monarquia (Barbosa, 2007: 40).

Sobre o planejamento gráfico de ambos veículos, outra diferença notável entre os jornais estava na concepção de capa. Durante a coleta de dados sobre a cobertura da Chacina, nota-se que o *Diário* ainda levava aos leitores uma concepção de jornalismo anterior as reformas gráficas realizadas nos principais jornais do país: além de títulos em forma indireta, a capa do *DC* trazia matérias completas, muito texto e poucas fotos e que, normalmente, não remetiam aos conteúdos das páginas internas do jornal.

Também é evidente na capa do *DC* que a primeira página funcionava como um espaço em que as informações eram dispostas, quase que na íntegra, ao leitor e não como uma espécie de *menu* como as capas de outros jornais. No *Diário*, algumas reportagens têm todo o conteúdo publicado apenas na capa e não remetem a nenhum texto nas páginas internas. Quando remetem a algum conteúdo manifestado em outras partes do jornal, por vezes as reportagens que estão na capa do *DC* são mais extensas que as notícias das páginas internas.

No *Jornal da Manhã*, a capa do jornal oferece ao leitor um ar um pouco mais próximo do planejamento gráfico praticado em outros veículos nesse mesmo período – mesmo que, por vezes, o conteúdo das páginas internas contradiga essa percepção inicial. Menos carregada de textos e com mais imagens, a capa do *JM* traz títulos em ordem direta, acompanhados muitas vezes por imagens, e que remetem à reportagens nas páginas internas da edição.

Tanto o *Diário dos Campos* como o *Jornal da Manhã* testemunhavam naquele momento diferenças na apresentação das notícias; alteração essa já realizada anos antes em cidades de maior porte e que vinha tendo aos poucos seus efeitos absorvidos nos pequenos jornais do interior. Ao estudar as características dos jornais do interior do Rio Grande do Sul no final do século XX, Beatriz Dornelles (2004: 4) encontrou características semelhantes quando comparadas ao jornalismo praticado nos Campos Gerais:

Novas tecnologias requerem mão-de-obra qualificada. O Interior, no entanto, não estava preparado, em matéria de formação de recursos humanos, para acompanhar a evolução industrial do setor. Os empresários tiveram de improvisar. Sem recursos e com a receita comprometida com a compra dos equipamentos as opções eram poucas. Alguns contrataram profissionais da capital gaúcha para ensinar seus funcionários. Outros enviaram os funcionários para Porto Alegre para que aprendessem as novas tecnologias. Outros, ainda (a maioria), aprenderam na base da tentativa do erro e acerto.

Na época, Ponta Grossa tinha o recém-criado o curso de Jornalismo na Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) no qual a primeira turma iniciou seus estudos em 1985. Por isso é possível supor que as redações naquele momento eram formadas por profissionais que aprenderam o ofício na prática⁵. Na melhor das hipóteses, segundo Dornelles (2004), os jornalistas naquele momento eram chefiados por uma pessoa com formação superior e aprendiam na prática o ofício de produzir notícias. Notamos alguns aspectos que aparecem na apresentação das notícias na cobertura da Chacina.

Do mesmo modo que a capa dos periódicos demonstrava concepções distintas de jornalismo, as páginas internas também apresentam algumas diferenças. Naquele momento, o *Diário* ainda não tinha divisão de editorias (introduzida no Brasil no final dos anos 50 durante a reforma gráfica do *Jornal do Brasil*) e as reportagens, notas e publicidades dividiam o espaço nas costumeiras 16 páginas diárias que o *DC* apresentava ao leitor.

Mesmo sem editorias definidas, o *Diário dos Campos* apresentava uma estrutura minimamente coerente: alguns assuntos em determinados dias tinham páginas fixas para serem publicados, mesmo que isso não fosse exposto ao leitor com a nomenclatura da editoria, por exemplo. As notícias policiais sempre estavam na última página do jornal dividindo espaço com publicidades, artigos assinados e até mesmo resultado de loteria, já a opinião e editorial ficavam na segunda página – característica que já acenava para uma tímida organização do jornal.

⁵ Está no nível das suposições porque só foram observados os jornais e, naquele momento, as notícias publicadas no *Diário dos Campos* e no *Jornal da Manhã* não eram assinadas pelos repórteres. Tal verificação seria possível se fossem adotados outros métodos de obtenção de dados.

Já o *Jornal da Manhã* apresentava aos leitores uma estrutura mais parecida com o que consideramos como um jornal moderno, baseado na visão empresarial – anos mais tarde, a postura dos jornais mudaria e os papéis seriam invertidos. Naquele momento (1989), o *JM* era dividido em editorias e tinha entre 16 e 20 páginas – a página mais organizada em termos visuais era a capa, mas alguns problemas notados no *DC* também se repetiam nas páginas internas do *Jornal da Manhã*, como a mistura de opinião nas mesmas páginas (sem uma diferenciação gráfica prévia) e por vez até mesmo no texto.

Cobertura dedicada ao crime

A Chacina de Carambeí foi noticiada pelos jornais dois dias após o crime na quinta-feira, 9 de fevereiro de 1989. A expectativa em um jornal diário é de que o fato passasse a ser notícia já no dia seguinte, mas em virtude do feriado de Carnaval daquele ano, os jornais não tiveram edições na quarta-feira (08) e o caso só ganhou espaço na página dos impressos dois dias depois. Essa distância entre o dia do acontecimento e veiculação da notícia pode explicar a maneira como o caso foi apresentado ao leitor.

O *Diário do Campos* deu destaque para a notícia com espaço no canto superior esquerdo da primeira página que ocupa seis colunas e leva o título: “Chacina de Carambeí chocou o Paraná e Álvaro quer culpados na cadeia” – essa edição é a primeira do *DC* após o feriado de Carnaval. Na chamada, que pode ser considerada a manchete da edição, fica evidente que o jornal tentou agregar outros fatores ao fato para reforçar o valor de notícia daquele acontecimento diante dos leitores – recorrer a autoridade do então governador Alvaro Dias ilustra a estratégia.

No *Jornal da Manhã* o relato sobre a chacina também ganha manchete da edição do dia 9 de fevereiro e toma toda a parte superior da capa, com direito a foto, texto e com o título: “Tensão e morte em assalto a família”. Nesse caso, o *JM* publica a foto da fachada da casa em que o crime ocorreu não aparecem imagens do local e do crime e nem dos suspeitos até aquele momento.



Imagem 1 - Diário dos Campos – 9 de fevereiro de 1989



Imagem 2 – Jornal da Manhã – 9 de fevereiro de 1989

No texto disposto nas duas manchetes fica evidente uma semelhança: naquele primeiro momento da cobertura, ambos os jornais já haviam 'nominado' aquele fato com um rótulo que era a "Chacina de Carambei". Aspectos como a gravidade do crime, ligada a proximidade geográfica e notoriedade do fato, foram reunidos no termo que se espalhou nas páginas de ambos os jornais.

Com o título "Família inteira chacinada em Carambei", o *Diário dos Campos* abre a página 16 da edição – local reservado para assuntos policiais. O texto é apresentado em quatro colunas na parte superior esquerda da página e não apresenta fotos – o aspecto adjetivado da reportagem já aparece na linha fina/gravata⁶ que traz o texto "3 mortos e 4 feridos por assassinos sanguinários". Como aponta Lage, Faria e Rodrigues (2004) o *Diário Carioca* elimina o uso de adjetivos no seu processo de modernização ainda em 1950. "Os redatores do noticiário policial tiveram que aprender que corpos em 'decúbito dorsal' estão de costas, ao contrário daqueles em 'decúbito ventral', que estão de frente para o chão ou a cama" (Lage, Faria e Rodrigues, 2004: 139).

A reportagem é moldada por aspectos adjetivados e emocionais. "Toda uma família foi alvo da perversidade sanguinária de seres bestiais, possivelmente drogados, para praticarem um roubo insignificante diante da barbaridade cometida", informa o texto. O aspecto da "determinação do governador" só aparece no último parágrafo do texto o que pode apontar para a diferença no uso dos valores notícias já que a participação do governador só figura no final do texto interno, mas ganha destaque na capa:

O governador Álvaro Dias determinou à Polícia o máximo empenho nas diligências para que esses bandidos sanguinários venham a ser presos imediatamente, pois para isso duas equipes de policiais especiais de Curitiba já se encontram na região investigando tudo que possa oferecer uma pista de quem sejam os bandidos (*Diário dos Campos*, p. 16, 9 de fevereiro de 1989)

⁶ Termo utilizado para designar o texto que está logo abaixo do título e serve para explicar a titulação da notícia. Também é conhecido como gravata, por exemplo.

A reportagem, que não traz assinatura de um repórter específico, termina com um tom de justiça e novamente recorre ao sentimento de pavor da população. “A bárbara chacina causou a mais viva revolta em toda a população de Carambeí e na região dos Campos Gerais e tudo que seus habitantes desejam de imediato é a prisão das feras assassinas”.

O tom adjetivado da primeira reportagem do *DC* sobre o caso remonta a imagens formadas no imaginário popular, mas que também remete às crônicas policiais dos anos 70, muito comuns na chamada imprensa marrom. Quando o texto usa termo como “feras assassinas” e “perversidade sanguinária de seres bestiais, possivelmente drogados”, a dinâmica textual remete ao jornal popular *Notícias Populares*, conhecido pela maneira que qualificava com um tom excessivo os acontecimentos⁷ (Angrimani, 1995).

O texto que abre a página do *Jornal da Manhã* também não traz assinatura específica de nenhum repórter, apenas a inscrição “Da redação”, diferentemente do *DC*. O título da reportagem do *JM* é “Ladrões assaltam sítio e matam três pessoas”. O primeiro aspecto apresentado ao leitor do texto é o fato mais evidente do caso (se tratava de um assalto com três pessoas mortas), além disso o decorrer do texto destaca a falta de pistas que a Polícia Civil tinha sobre o caso e depois a violência e o modo como as vítimas foram feridas com “objetos cortantes e contundentes”. Mais uma vez remetendo ao uso das expressões comuns aos boletins de ocorrência que eram apropriados pelos repórteres de polícia sem a devida tradução para linguagem corrente (Lage, Faria e Rodrigues, 2004: 139).

A reportagem traz uma foto de duas das três vítimas fatais, Mariana e Dick Boer, e apenas cita a terceira vítima. Baseada no boletim de ocorrência (BO) e na coletiva de imprensa concedida pelo então delegado responsável pelas investigações do crime, o texto evidencia valores como a proximidade do fato noticiado e a gravidade do acontecimento.

Outro aspecto que aparece já nos primeiros parágrafos da reportagem é o fato do carro roubado da residência ter sido encontrado já no dia seguinte – o veículo foi localizado na cidade de Teixeira Soares, já consumido por um incêndio. Tal informação não aparece no relato feito pelo *DC* e teria sido utilizado para reforçar o caráter noticiável do caso, levando em conta a distância temporal entre o acontecimento e a notícia.

A primeira adjetivação da reportagem aparece no sétimo parágrafo quando o repórter faz menção as vítimas da Chacina: “Todas as cinco vítimas foram encaminhadas para o Hospital Bom Jesus de nossa cidade, onde permanecem internadas em estado lastimável”. O drama humano e a tensão causada pelo crime tem papel secundário nesse primeiro relato, mas mesmo assim estão presentes e dão pistas sobre o modelo de jornalismo praticado naquele momento.

⁷ Importante salientar que, tanto o *Jornal da Manhã* como o *Diário dos Campos* tem circulação regional e são considerados jornais de referência e não assumiam características sensacionalistas ou mesmo populares.

A notícia é dividida em duas retrancas⁸ – a primeira intitulada “as vítimas” e a segunda “as investigações”. Na segunda retranca, o texto salienta a dificuldade dos policiais em encontrar pistas dos assassinos, fato ressaltado pelo próprio delegado responsável pelas investigações. Também nesse trecho do texto, o repórter dá visibilidade aos detalhes do crime (objetos levados do local) e das possibilidades e motivações (pela primeira vez fala-se em vingança). A “cobrança” realizada pelo jornal para o governador Álvaro Dias sobre as investigações do caso não aparece no texto da página interna do *DC*, assim como o sentimento de justiça dos moradores de Carambeí – esses aspectos só estão presentes no título da página e na capa da edição. “A chacina verificada nessa terça-feira a tarde [deixou] a população de Carambeí bastante chocada. Todas as vítimas são de ótimas índoles”, informa o texto. Nesse trecho, a reportagem dá pistas sobre o papel da notoriedade das vítimas operando como valor na cobertura jornalística sobre o fato, mas também apresenta aspectos reais da prática profissional daquele momento, quando o texto cita a “ótima índole” das vítimas do crime.

Primeiras diferenças na cobertura noticiosa

As coberturas apresentadas pelo *DC* e pelo *JM* apresentam diferenças desde o primeiro dia: desde a angulação dada ao acontecimento até os fatores destacados nas notícias. O segundo dia de cobertura sobre o crime apresenta divergências entre os jornais já na capa: uma notícia sobre a Chacina aparece na primeira página do *Diário dos Campos* enquanto o *Jornal da Manhã* não dá espaço para o assunto na primeira página da edição do dia 10 de fevereiro de 1989.

No *DC* a notícia sobre a Chacina aparece com destaque na primeira página. O jornal traz uma manchete sem foto sobre o assunto com o título: “Só a violência traz a conscientização”. Em tom de tristeza e drama, a narrativa discute de maneira superficial (não existem números ou outros fatores que sustentem a tese) o problema da violência na região e fala de modo secundário das investigações sobre a Chacina. Logo abaixo da manchete o *DC* também traz uma chamada título “Criação da Guarda Urbana de Castro já é agilizada” – o texto trata da possibilidade de uma Guarda (que depois veio a se chamar de Guarda Municipal) motivada pelo crime e pelo medo causado após a Chacina de Carambeí.

Nesse segundo dia de cobertura do *Diário dos Campos* se observa a utilização de aspectos como drama, expectativa e suspense nos relatos sobre o caso. Uma das possibilidades é que os jornalistas lancem mão desse tipo de artifício por não haver novas pistas ou possibilidades ofertadas pela Polícia. Uma pista sobre isso está no texto publicado na página 8 do *DC* no dia 10 de fevereiro com o título: “A Chacina de Carambeí não foi obra de seres humanos, foi de monstros”. Nota-se a falta de elementos concretos no título (não existem novidades ou avanços nas investigações, apenas clamor social) e também aspectos que, mais uma vez, remetem a adjetivação exacerbada e a casos que compõe a crônica policial.

A sequência da cobertura no *Jornal da Manhã* aponta aspectos mais pontuais e precisos sobre o crime. Com o título “Polícia ainda não tem pistas dos criminosos”, o *JM* dá destaque ao fato

8 Jargão jornalístico usado para intertítulos que dividem o texto publicado em jornal em temas ou assuntos.

com uma reportagem de seis colunas na página superior da página, utiliza uma foto do delegado responsável pelas investigações e privilegia o aspecto da falta de pistas sobre o caso. Na mesma página o *JM* também noticia o enterro dos mortos na Chacina com uma coluna que leva o título "Sepultadas ontem as vítimas da Chacina" e está disposta no canto inferior esquerdo da página.

No terceiro dia da cobertura pelo crime, o *Diário dos Campos* atenta para a falta de solução do crime – a notícia aparece na capa, mas sem foto e com menos destaque e salienta aspectos como negatividade e consequências do crime. No *Jornal da Manhã* o depoimento de uma das sobreviventes (Mirian) ganha destaque com o título: "Mirian faz importantes revelações a Polícia" mas a notícia não aparece na capa do jornal. Na página interna do *JM*, a matéria ocupa as seis colunas e toda a parte superior, além de trazer duas fotos.

O caso volta a ter destaque nos dois jornais no dia 12 de fevereiro, terceiro dia da cobertura. Na edição desse dia o *Jornal da Manhã* dedica uma chamada com foto no canto inferior da primeira página com o título "Polícia liberou o retrato falado do autor da Chacina". Nas internas o foco para a prisão de um suspeito (fato concreto) e os principais aspectos notados são a *suíte* da notícia e a importância que o texto dá ao fato com adjetivos como "valiosa prisão" e "investigações caminham para o fim" – aspectos que revelam o modelo de jornalismo exercido naquele momento.

No *DC* o quarto dia de coberturas é voltado ao depoimento de Mirian com uma chamada sem foto na capa que ressalta aspectos como drama, interesse humano e suspense. Na primeira página o *Diário* do dia 13 de fevereiro apresenta a notícia com o título "Sobrevivente da Chacina revela todos os detalhes" e dedica o lado superior direito da página ao relato.

Nas páginas internas o *Diário dos Campos* traz aos leitores dois aspectos diferentes: o depoimento de Mirian e a prisão (e dispensa) de um suspeito pelo crime com o título: "Mirian descarta o primeiro suspeito da Chacina de Carambeí". Nesse momento da cobertura o caso já tem o rótulo de "Chacina de Carambeí" nominado nas páginas dos jornais.

No quinto dia de cobertura (13 de fevereiro), o crime perde espaço em ambos os jornais já que a Polícia não apresentou novidades significativas sobre o caso – na edição desse dia do *Jornal da Manhã* não há nenhuma linha sobre o caso. Apenas o *Diário dos Campos* publica uma nota, sem espaço na capa, com o título vago: "Chacina de Carambeí: as investigações prosseguem". O texto é uma espécie revisão do caso, organização dos fatos e recorre a termos adjetivados para salientar a gravidade do crime – a construção textual da nota se assemelha a um texto opinativo.

A Chacina voltou a ter repercussão na imprensa no dia 14 de fevereiro. Fato explicável pela prisão de um suspeito "semelhante ao retrato falado" nas proximidades do local do crime. O aspecto de novidade aparece tanto no relato do *Diário dos Campos* como no do *Jornal da Manhã* e mostra que ambos os impressos levam em conta o valor novidade/ineditismo durante a cobertura.

No *DC* a notícia não volta a aparecer na primeira página, mas no dia 14 aparece no topo da página dedicada aos assuntos policiais. A reportagem traz o título "Preso em Castro suspeito

semelhante ao retrato falado” e destaca os aspectos de novidade após uma nova prisão. No *JM* o caso volta a aparecer na capa com o título: “Carambeí: nova pista surgiu e caso próximo a um desfecho”. A novidade é destaque como critério de seleção e aspectos como tensão e suspense voltam a ter espaço. Na página interna, o texto atenta para a possibilidade das novas pistas e a importância da solução do crime.

No dia 15 de fevereiro um fato descoberto pela Polícia revigora a cobertura noticiosa sobre o crime. Sete dias após a Chacina, a Polícia encontra os pertences de Adrianus, uma das vítimas, nas proximidades do Rio Tibagi. O fato ganha destaque no *JM* que abre a página 8 com a reportagem “Pertences de Adrianus foram encontrados no Rio Tibagi”. Já no *DC* a notícia, que também não tem mais espaço na capa, evidencia a prisão e posterior liberação de outro suspeito. Com o título “Apesar da semelhança com o retrato, “Grachaim” também é descartado” o periódico atenta para o descarte de mais um suspeito e traz um tom de negatividade e incerteza às investigações.

A partir do dia 16 de fevereiro de 1989, a cobertura da Chacina passa a perder, gradativamente, relevância na página de ambos os jornais. No *Jornal da Manhã* o relato não aparece mais (nem na capa e nem nas páginas internas) durante os próximos 12 dias. Enquanto isso, no *Diário dos Campos* notícias sobre o caso continuam a serem apresentadas na página, mas agora de maneira secundária e levando, cada vez mais, aspectos dramáticos para tornar o fato notícia.

No dia 18 de fevereiro, o *Diário dos Campos* noticia “Fundamental a recuperação das vítimas para a elucidação da Chacina de Carambeí”. Durante o texto fica evidente a sugestão de que o crime só poderia ser solucionado com a contribuição das pessoas que sobreviveram. Mesmo que o título indique, não há nenhuma novidade quanto ao estado de saúde das vítimas ou andamento das investigações.

O próximo relato do *DC* beira um tom opinativo e é publicado no dia 19 de fevereiro – mais uma vez ilustrando a confusão entre informação e opinião. Com o título “Chacina de Carambeí: Polícia está no sufoco e não descobre nada” a reportagem não traz novas informações sobre o fato, mas faz uma dura crítica ao trabalho da Polícia Civil.

A última notícia sobre o fato durante o mês de fevereiro de 1989 é publicada no dia 28. Os dois relatos são baseados em novas informações ligadas a investigação: uma funcionária de Adrianus simula um incêndio para ter “desculpas” e se mudar da localidade de Carambeí e o fato volta a “esquentar” o trabalho de investigação da Polícia Civil.

O *DC* alerta para o critério da novidade e abre espaço os desdobramentos: o jornal publica uma matéria com chamada sem foto na capa com o título “Tentaram incendiar a casa de Adrianus em Carambeí”. A notícia é manchete da edição do *Diário* no dia 28 de fevereiro: “Incêndio revive investigações sobre a Chacina de Carambeí”. Na página interna nota-se, mais uma vez, o caráter pré-industrial da cobertura: abaixo da reportagem sobre a Chacina, aparece uma nota de convite para uma missa de sétimo dia e do lado esquerdo estão propagandas em forma de notícias, sem uma distinção gráfica evidente.

No *Jornal da Manhã* o último relato de fevereiro também data do dia 28 do mês – do dia 15 ao dia 28 também há um hiato na cobertura e nem uma linha sobre o caso é publicada no periódico durante esses 13 dias. Dando mais espaço para o aspecto da novidade e do drama sobre o caso, o *JM* dedica uma matéria com seis colunas e foto com o título: “Empregados de Adrianus querem ir embora” ressaltando o medo dos caseiros do sítio de permanecerem no local após a Chacina não ter sido solucionada e como esse fato poderia abrir novas linhas de investigações sobre o crime.

Apontamentos preliminares

Ao observar a cobertura dedicada pelo *Diário dos Campos* e *Jornal da Manhã* durante o mês de fevereiro de 1989 notamos algumas marcas do modelo de jornalismo que era praticado naquele período. Alguns desses sinais estão evidentes nas características visuais de ambos os jornais e outras estão dispostas na construção do texto jornalístico e na angulação dos acontecimentos.

Um dos sinais do modelo de jornalismo executado naquele momento está nas notícias sem assinatura – ambos os jornais trazem reportagens em que não há identificação de nenhum dos repórteres. Outra marca desse paradigma de jornalismo está na adjetivação excessiva dos textos, presente nos dois jornais, e que demonstra que a prática profissional daquele momento histórico ainda está distante do jornalismo pretensamente objetivo praticado nos jornais de referência brasileiros, após ser importado dos Estados Unidos.

Algumas dessas marcas de um jornalismo pré-industrial pode ser explicada pelo cenário profissional daquele momento. Tanto o *Diário* como o *Jornal da Manhã* são periódicos de uma cidade interiorana do país e que formam, na maioria, seus profissionais na prática cotidiana e não nos cursos superiores – a UEPG viria a formar sua primeira turma do curso de Jornalismo em julho do ano de 1989.

Nos itens apontados acima os dois jornais têm características semelhantes, na organização do texto e na falta de assinaturas dos repórteres. Já o que os diferencia e dá uma aparência de modernidade ao *Jornal da Manhã* é a primeira página com títulos, fotos e pequenos textos que remetem às páginas do interior do jornal, que ofertam o texto completo. Também pode ser levado em conta como aparente modernidade a existência da divisão e organização dos conteúdos por editorias.

Em relação ao *Diário dos Campos* há evidências de que o jornal ainda se encontra num momento anterior do processo de produção noticiosa. Especialmente no que se refere a primeira página, que aparece desorganizada com textos completos, sem a característica de índice e convite para a leitura das páginas internas. A falta de editorias indicando uma divisão de conteúdos é o outro aspecto que diferencia o *Diário dos Campos* em relação ao *Jornal da Manhã*.

Tais aspectos que foram observados somente na perspectiva do material publicado apontam que a modernização dos jornais no Brasil ocorre em momentos distintos, heterogêneos. É

possível registrar avanços e retrocessos principalmente na perspectiva da apresentação das notícias e na organização textual.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, A. de. (2010): A modernização autoritária do jornalismo brasileiro, *Alceu*. v. 10 - n.20 - jan./jun. (20/05/2016): 100-115.

ANGRIMANI, S. D. (1995): *Espreme que sai sangue: Um estudo do sensacionalismo na imprensa*, São Paulo, Summus.

BARBOSA, M. (2007): *História cultural da imprensa: Brasil 1900-2000*, Rio de Janeiro, Mauad X.

Sem autor. (2004): *Como escrever uma história da imprensa?*. In: II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho. Florianópolis. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:n3tA4937hp0J:www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/2o-encontro-2004-1/Como%2520escrever%2520uma%2520historia%2520da%2520imprensa.doc+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br>: 1-11

DARNTON, R. (1990): *O beijo de Lamourette: mídia, cultura e revolução*, São Paulo, Cia das Letras.

DORNELLES, B. (2004): *Características de jornais e leitores interioranos no final do século 20*. BOCC. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/dornelles-beatrizjornais-interioranos.pdf>>. (21/05/2016): 1-9.

FERREIRA, M. de M. (1996): A reforma do Jornal do Brasil. In: ABREU, A. (org.) *A imprensa em transição*, Rio de Janeiro, Ed. Fundação Getulio Vargas.

LAGE, N., FARIA, T. e RODRIGUES, S. (2004): Diário Carioca: o primeiro degrau para a modernidade. In: *Estudos de Jornalismo e Mídia*. Vol. I, Nº 1 - 1º Semestre (20/05/2016): 132-144.

SCHUDSON, M. (2010): *Descobrimo a notícia: a história social dos jornais nos Estados Unidos*, Petrópolis, Vozes.

Jornais Citados

Diário dos Campos. Edição dos dias 21, 23, 24, 25/27 e 29 de julho de 1989.

Diário dos Campos. 1º/2 de agosto de 1989.

Jornal da Manhã. Edição dos dias 21, 23, 24, 25/27 e 29 de julho de 1989.

Jornal da Manhã. Edições dos dias 15, 16 e 17 de agosto de 1989.